

Em discussão, os rumos da indústria nesta década.

Quais os rumos que a indústria brasileira seguirá na década de 80, marcada pelo rápido avanço tecnológico e intensa competitividade?

Essa pergunta está motivando os preparativos para a realização, em outubro, de um seminário do qual participarão os principais empresários dos setores industriais mais influentes na economia do País.

O ministro Camilo Pena e o secretário de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio, José Israel Vargas, já solicitaram aos técnicos da STI e dos principais centros de pesquisas — particularmente ao CNPq — que encaminhem sugestões e perguntas que comporão o painel de discussões do seminário.

O secretário José Israel Vargas manifestou preocupação com o perigo gerado pelo descompasso entre o avanço tecnológico externo e o interno, praticamente interrompido pela recessão econômica. Ele defende a idéia de desenvolver a pesquisa tecnológica no âmbito das empresas e já propôs uma legislação que permita a devolução de 5% do Imposto de Renda pago pelas empresas, caso se comprometam a

aplicar esse percentual em pesquisa tecnológica.

Embora reconheça que o Brasil não pode gastar o mesmo que os países mais avançados no campo da tecnologia, Vargas defende a aplicação de mais verbas, tanto na racionalização do processo produtivo como no aperfeiçoamento tecnológico. Mas sua proposta, encaminhada no segundo semestre do ano passado, está engavetada no Ministério da Fazenda, porque as autoridades econômicas relutam em aceitar uma redução da arrecadação.

A pesquisa tecnológica conduzida dentro das fábricas, na opinião do secretário, permitirá atingir o duplo objetivo de racionalizar a produção e crescer tecnologicamente, principalmente porque, paralelamente a essa experiência, o setor industrial estaria permanentemente assessorado por todos os institutos de pesquisa do País.

Pouca chance

A realização do seminário sobre os rumos da indústria nacional na década espera criar um clima político em torno do tema, para levar o governo, sob pressão do setor, a apressar a aprovação da proposta

do Ministério da Indústria e do Comércio. Na STI, contudo, os próprios técnicos colocam em dúvida a possibilidade de aprovação da proposta, em fim de governo.

Na opinião dos técnicos, a proposta de Vargas deveria ter sido colocada desde o início do governo, para permitir a movimentação dos empresários na primeira hora em que se decidiu pelo aumento das exportações como arma principal da política econômica para evitar o estrangulamento das contas externas.

Por trás dessas observações, os técnicos não escondem uma crítica ao secretário José Israel Vargas, em vista de sua ênfase em aspectos acadêmicos da questão, em vez de ater-se a uma linha prática no encaminhamento das soluções.

Teoria e prática

A formação do secretário, explica um técnico da STI, deu-se na França, onde os temas acadêmicos seguem paralelos à ação prática do desenvolvimento tecnológico, de forma que a teoria e a prática estão sempre caminhando juntas.

No Brasil, ao contrário, ressaltou o técnico, a teoria está muito

distante da prática, porque o País é essencialmente, ainda hoje, um importador, mais do que um investidor em tecnologia.

Esse descompasso histórico do desenvolvimento do setor industrial brasileiro, na sua opinião, não tem permitido a eficácia dos conceitos teóricos quando aplicados na prática. Um empresário na direção da STI — disse o técnico — teria proposto coisas mais factíveis nesses últimos quatro anos, e com a devida antecedência.

A necessidade da modernização tecnológica, porém, é um fato incontestável — ressaltou — porque a prioridade do governo à exportação exige permanente competitividade ao setor de manufaturados, tanto em quantidade quanto em custos.

— Já está sendo pouco razoável — disse — argumentar com vantagens comparativas possuídas pelo Brasil, como mão-de-obra barata e matérias-primas abundantes. O alto desenvolvimento tecnológico dos países avançados tem conseguido igualmente — às vezes com maior sucesso — reduzir os preços e aumentar a qualidade e competitividade.